

VOZES EM MOVIMENTO: BRASÍLIA CONTADA ATRAVÉS DAS MARGENS



Daniel Rocha

(Graduando Letras/Universidade de Brasília)

daniellrocha.27@gmail.com

Orientadora: Regina Dalcastagnè

“Nesse tempo, não sabia que o lugar onde eu vivia tinha nome, causa e classe. Era só quando saía, várias distâncias em horas de baú, que percebia, na rua asphaltada, casas rebocadas, gente vestindo roupa de sair em casa, que o canto onde minha casa pousava, era diferente!”

- Meimei Bastos

RESUMO

A partir do coleta de produções literárias da poeta Meimei Bastos, apresentadas nos saraus e *slams* das cidades satélites brasilienses – especialmente no Sarau Ubuntu, de Recanto das Emas –, e de entrevistas feitas com seus protagonistas (organizadores, frequentadores e artistas), buscou-se analisar como os deslocamentos entre o centro e a periferia de Brasília marcam a segregação urbana e como influenciam na produção e representação de identidades e subjetividades.

OBJETIVO E METODOLOGIA

O objetivo deste trabalho é refletir, apoiado nos materiais coletados (produções literárias e entrevistas), acerca do trânsito constante daqueles que protagonizam o movimento entre o centro de Brasília e suas respectivas periferias como elemento constitutivo da poética pessoal e coletiva. Para ilustrar tal inquietação, tendo em vista ainda a configuração de segregação urbana presente entre as duas realidades dicotômicas, uso a metáfora presente no filme *Branco sai preto fica*, de Adirley Queirós, e a coletânea de poemas, *Quebrada e Quintal*, da escritora Meimei Bastos, ambos moradores das periferias brasilienses – Ceilândia e Samambaia, respectivamente. Para apoiar a reflexão, propõe-se também a correspondência com o artigo “Sombras da cidade: o espaço na narrativa brasileira contemporânea” de Regina Dalcastagnè.

INTRODUÇÃO

O filme *Branco sai, preto fica* (2015) de Adirley Queirós (morador de Ceilândia, 35 km de Brasília) narra a violenta ação policial ocorrida em uma tradicional festa de Ceilândia em 1986. Fundindo documentário e ficção, o espaço narrativo é dividido entre depoimentos reais de quem esteve presente naquela ocasião, no Baile do Quarentão, e personagens fictícias, que revelam a tensão existente entre Ceilândia e Plano Piloto. No filme, moradores da periferia só podem entrar em Brasília se tiverem um passaporte especial, sendo passíveis de abordagens pela polícia do Bem Estar.

Bibliografia

BASTOS, Meimei. Quintal. Disponível em: <<https://medium.com/@meimei.bastos/quintal-d47480de9f0a>>. Acesso em: 16 nov. 2017.
_____. QUEBRADA. In: DALCASTAGNÈ, Regina. Olhando o mundo por outras frestas: Quebrada. Disponível em: <<http://gelbcunb.blogspot.com.br/2017/10/olhando-o-mundo-por-outras-frestas.html>>. Acesso em: 16 nov. 2017.
BRANCO Sai, Preto Fica. Direção: Adirley Queirós. Produção: Simone Queirós. Brasília: Ceicine, 2015.
DALCASTAGNÈ, Regina. Sombras da cidade: o espaço na narrativa brasileira contemporânea. Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea, [S.l.], n. 21, p. 33-53, jan. 2011. ISSN 2316-4018. Disponível em: <<http://periodicos.unb.br/index.php/estudos/article/view/2200/1757>>. Acesso em: 02 nov. 2017.
HOLANDA, Frederico de; MEDEIROS, Valério; RIBEIRO, Rômulo; MOURA, Andréa. A configuração da área metropolitana de Brasília. In: RIBEIRO, Rômulo; TENORIO, Gabriela; HOLANDA, Frederico de. Brasília: transformações na ordem urbana. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2015, p. 64-9.

Uma imagem ficcional que desenha bem a realidade da favelização que ocorre em Brasília. Nas palavras de Rômulo José da Costa Ribeiro, “uma marca dessa favelização é o remanejamento da população de baixa renda na periferia, uma estratégia consciente da elite e do Poder Público para preservar o coração de Brasília, o Plano Piloto, ‘intocado e belo. O ‘feio’ é expulso para longe”. Nesse cenário de violência simbólica e estrutural (Ceilândia possui a segunda maior favela do Brasil), surgem vozes de pessoas que caminham entre os dois lados portadores de “passaportes”, trabalhadores, estudantes, imigrantes entre outros à procura de melhor sorte. Os poemas de Meimei Bastos (moradora da região de Samambaia, 31 km de Brasília) pincelam ainda mais tal cenário.

Os saraus, como o que ocorre no Espaço Ubuntu (Recanto das Emas, 33 km de Brasília), nesse ínterim, apresentam-se também como locais depositários dessas vozes que constroem-se enquanto eu poético a partir do processo de movimentação enquanto revelam-se também sensíveis a todas as diferenças, ausências e dicotomias entre as duas realidades em que caminha.

RESULTADOS

Segundo Regina Dalcastagnè (2003), nunca os homens possuíam tamanha mobilidade geográfica, o que faz com que os sentimentos comunitários percam centralidade. Os saraus que ocorrem nas periferias brasilienses são uma possibilidade de encontro de várias vozes que são construídas no dia a dia, dentro de ônibus, metrô, nas longas horas de viagem diariamente: “Muita gente começou a escrever por causa do sarau, às vezes estava no ônibus, pensava alguma coisa e escrevia para recitar no sarau, esse tipo de coisa.” relata um frequentador dos saraus de Brasília. Uma voz destaca-se nesse cenário: “periférica, feminina, negra, mãe e trabalhadora” Meimei Bastos perfoma suas palavras, declara de onde veio e o que enxerga ao transitar pela violência social que existe entre Brasília e suas periferias. No poema “Quebrada”, por exemplo, ela trata do incômodo do eu-lírico diante da realidade como periférica. Nos versos “Tinha um EIXO atravessando meu peito / tão grande que dividia a minha alma em / L2 SUL e NORTE. / Uma W3 entalada na garganta virou nó.” (BASTOS, 2017) há, além da percepção de uma dinâmica arquitetônica que não a contempla, mas a incomoda, uma tensão que muito tem a ver também com a metáfora no filme de Adirley Queirós.

“Essa Brasília não é minha.
Porque eu não sou planalto,
eu sou PERIFERIA!
Porque eu não sou concreto,
eu sou QUEBRADA”

Meimei Bastos

Em ambas narrativas, pode-se perceber a necessidade de transitar entre os dois lados. Em outro texto, também recitado nos saraus, Meimei Bastos revela sua inquietação ainda enquanto criança, “(...) nesse tempo, não sabia que o lugar onde eu vivia tinha nome, causa e classe. Era só quando saía, várias distâncias em horas de baú, que percebia, na rua asphaltada, casas rebocadas, gente vestindo roupa de sair em casa, que o canto onde minha casa pousava, era diferente!” (BASTOS, 2017) - é conveniente ressaltar, inclusive, a distinção da estrada que muda conforme a protagonista avança da periferia para o centro. Para Regina Dalcastagnè (2003), as cidades são territórios não só de aglomeração de pessoas, mas também de segregação, e a narrativa brasileira contemporânea permite, em poéticas como a de Meimei bastos “olhar o espaço urbano também pelo ângulo daqueles que estão impedidos de se mover” (2003, pag. 42). São esses espaços e essas distâncias que pintam uma cidade que está fora do retrato, fora, muitas vezes, do olhar da ‘cidade rica’ que precisa deles, mas não admite nem os quer por perto, visíveis